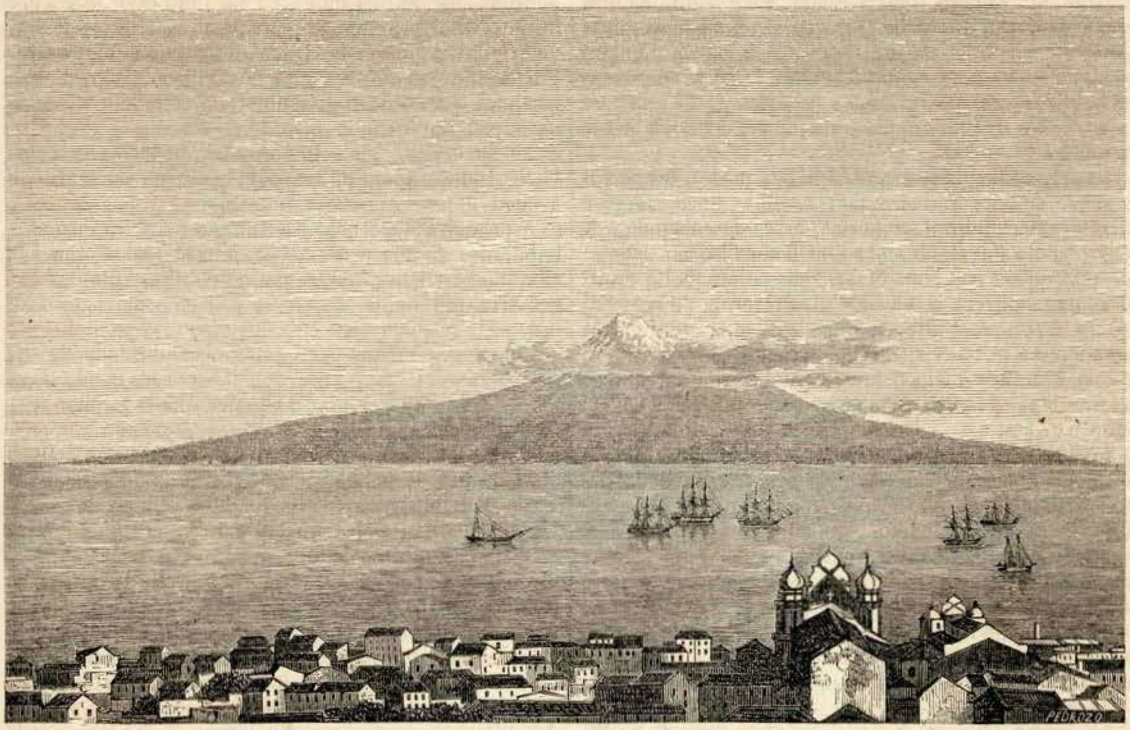


Terceira vista do Fayal, d'onde se descobre o lado occidental da ilha do Pico

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

(Vid. pag. 116)

Tem a cidade da Horta brazão d'armas, que lhe foi concedido ha pouco mais de tres annos.

É um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo de prata, as quinas de Portugal; no segundo, em campo azul, o busto de prata de sua magestade imperial o sr. D. Pedro IV, e no contrachefe a coroa e sceptro de oiro, allusivos ao facto da sua abdicação; no terceiro, em campo azul, um livro de prata, tendo escripta em letras azues a data de 29 de abril de 1826, em allusão á Carta Constitucional da monarchia; e no quarto, em campo de purpura, um castello de prata, e, poisado sobre elle, um açor tambem de prata. Orla azul com a legenda em letras de oiro: «D. Luiz I á muito leal cidade da Horta»; coroa ducal; e por timbre um braço de prata armado de uma espada do mesmo metal.

A gravura publicada em a caderneta passada [1] é mais uma prova do que asseverámos da belleza d'aquella cidade. A vasta bahia, a extensa ponta de Espalamaca, o forte Novo, a torre do relogio, o caes e os numerosos edificios que o continuam pela terra dentro, sombreados por muitas e mui varias arvores, formam um agradabilissimo conjunto.

Se os olhos, porém, se aprazem de contemplar aquelle panorama, onde tudo está indicando vida, movimento, trafego commercial, não menos se deleitarão detendo-se um pouquinho a ver a estampa que acompanha este artigo, a qual representa a notavel ilha do Pico, do lado occidental.

Como não bastem o desenho e o buril para patentearem todas as naturaes maravilhas que encerra aquella notavel porção do archipelago açoriano, indical-as-hemos aqui muito em resumo aos que as não conhecerem, valendo-nos principalmente da obra, mais de uma vez citada, do bom padre Cordeiro.

Surge a ilha do Pico a meia legoa da ilha do Fayal.

A historia do seu descobrimento está envolvida em trevas, que já agora difficilmente se dissiparão. Entre as conjecturas, mais ou menos admissiveis, que se encontram nos auctores que d'este ponto se occuparám, existe uma graciosa e pueril, que attribue a gloria da descoberta á Virgem Maria.

Expol-a-hemos para consolação de almas piedosas e dos que amam o maravilhoso.

Principiada a arrotear a ilha do Fayal pelos primeiros descobridores da Terceira e S. Jorge, foi-se a viver alli vida solitaria um ermitão. No estio, os que iam ao Fayal, a ver as fazendas que por lá tinham, procuravam o eremita, deleitavam-se de praticar com elle, e muito provavelmente recommendavam ás suas orações os campos e armentios, que bem desejariam que o demo lhes não prejudicasse. Um bello dia, dirigindo-se alguns ao retiro do contemplativo, não o encontraram, mas, com grande pasmo, foram topar com elle construindo um barquinho todo forrado de coiro pela parte de fóra.

Cresceu-lhes a curiosidade de saberem para que era tão singela embarcação e perguntaram-lh'o.

Respondeu o servo de Deus que era para se ir á visinha ilha do Pico, d'onde lhe apparecia uma mulher vestida de branco, que o chamava e lhe dizia (certamente por acenos) que se fosse para ella; e que, por lhe parecer que era a Virgem Senhora, determinára passar lá, quando outra vez o chamasse.

Quizeram os que ouviram o penitente dissuadil-o do seu intento; mas elle, sem dar-lhes ouvidos, foi continuando a sua obra, e, concluida, metteu-se ao mar, e nunca mais foi visto nem achado, fazendo o demonio (assim o affirma o chronista), com capa de

[1] Vid. pag. 117 d'este volume.

santidade, morrer aquelle santo ermitão, e sumindo a barcasinha, que com tanta fadiga construira.

Esta é a lenda, que bem dispensa commentarios.

Antonio Cordeiro, que a relata, accrescenta n'outra parte as seguintes palavras, que revelam a simpleza do seu espirito, e são um bom specimen da maneira por que se escrevia muitas vezes a historia, nos tempos felizes em que a crença religiosa fazia esquecer os preceitos da philosophia e subjugava completamente a razão.

«...E assim parece que aquelles mareantes portuguezes, que da Terceira iam ás ilhas de S. Jorge e Graciosa, primeiro descobertas, esses descobrindo primeiro a do Fayal, descobriram a do Pico ao depois: se não quizermos considerar, que pois aquelle ermitão, morador em o Fayal, julgou ver a Virgem Senhora nossa da parte da ilha do Pico, e que o chamava para lá, a Virgem Senhora foi a descobridora d'esta ilha, por meio d'aquelle santo ermitão, que só no seu batel foi para o Pico e não se soube mais d'elle; e se isto assim é, *como parece*, a Santissima Virgem Mãe de Deus foi a primeira descobridora da ilha do Pico, e o descobridor segundo foi, por meio da Senhora, aquelle devoto ermitão; e não podêmos descobrir mais divino invento a esta ilha.»

Ponhamos aqui termo ás citações de conjecturas e de piedosas lendas, para dizermos o que mais importa saber-se da ilha de que nos occupâmos.

É a ilha do Pico a maior do archipelago de que faz parte. Dão-lhe uns de comprimento dezeseis e outros dezoito legoas, e de largura quatro ou cinco.

Dista uma legoa do Fayal, tres de S. Jorge, onze da Graciosa, doze da Terceira, trinta e duas de S. Miguel, trinta e nove das Flores, quarenta do Corvo e quarenta e sete de Santa Maria.

O seu maior comprimento é de léste a oéste, desde a ponta do Calhão Gordo até ao porto da Magdalena; e a sua maxima largura de sul a norte, desde a villa das Lages até á villa de S. Roque.

A quasi totalidade das povoações é na orla da ilha.

Partindo do Calhão Gordo, assim chamado pela grandeza das penedias que alli surgem, para o poente, pelo sul, encontram-se: primeiro o porto denominado Calheta de Nasquim; a distancia de um quarto de legoa surge um rochedo, que se estende em ponta para o mar; pouco mais adiante levanta-se a Doirada, penedia que ou as aguas ou algum phenomeno volcanico abriram pelo meio, e de cuja quebrada se desencadeiam violentos vendavaes, que revoltam as ondas e põem medo ao navegante, que não raro alli padece naufragio; adiante mais demoram o porto de Santa Cruz e o logar de Santa Barbara.

Corrida uma legoa, abre-se o primeiro porto da villa das Lages, tão perigoso e difficil para os que o demandam, que só em mezes de verão a elle concorrem. Além d'este, tem a villa mais dois, um proximo do primeiro, outro distante legoa e meia, pouco mais ou menos, a que chamam Ponta do Moiro, ambos elles seguros e frequentados.

Seguindo, encontram-se: a bahia do Galeão; legoa e meia adiante outro pequeno e bom porto; e d'ahi a meia legoa o porto da Magdalena, que é fronteiro ao Fayal e o que mais proximo fica d'aquella ilha. A pouca distancia do porto e villa da Magdalena ha dois pequenos ilhéos.

Chegando ao poente, que é aqui, e voltando do sul para o norte, deparam-se-nos os seguintes logares dignos de menção: a ponta Pequena, ou Furna de Santo Antonio, que fórma para o interior espaçosa enseada; d'alli a meia legoa o caes do Norte, ou de S. Roque, por estar no districto da villa de S. Roque; mais meia legoa para diante, no fundo de uma enseada, a villa de S. Roque; a uma legoa da villa, no sitio chamado a Prainha do Norte, o caes de S. Roque; a encumeada de Santo Amaro, para além da qual, coisa de uma legoa, se levanta a mais alta rocha da ilha, até á Ribeirinha ou Prainha, que está em um porto, tendo defronte e mui proximo um ilhéo, ao qual se póde ir a nado; a um quarto de legoa um poço de agua salobra; e, finalmente, a ponta do Calhão Gordo, d'onde partimos para esta digressão, feita segundo o roteiro do auctor da *Historia insulana*.

As duas villas mais importantes do Pico são a das Lages, que é a capital, situada na costa de sueste; e a de S. Roque, na costa do norte.

Á primeira dava o padre Antonio Cordeiro duzentos habitantes juntos e muitos mais espalhados. Um auctor moderno, que temos presente, dá á villa das Lages tres mil habitantes e ao concelho mais de doze mil.

Encarecem alguns escriptores a salubridade do clima do Pico, chegando um, repetidas vezes citado n'estes artigos, a dizer que d'aquella ilha o melhor medico é o seu clima.

A pressa com que temos de escrever estes artigos obsta a que possamos indagar o que ha de verdadeiro a este respeito na actualidade.

Não é, porém, coisa para espantar que os habitantes do Pico, pelos seus habitos e pelas condições em que vivem, gozem mais saude que os povos de outras localidades.

Escasseiam no Pico mananciaes de agua potavel; mas a esta falta occorreu a Providencia formando em muitas partes cavernas ou tanques de pedra viva, onde as aguas pluviaes se congregam e permanecem defendidas de impurezas, que de fóra lhes podessem ir alterar a pureza, por meio de abobadas da mesma pedra de que são os depositos, e como aquelles feitas pela natureza.

É o solo da ilha volcanico, e como tal pedregoso, escalvado e apparentemente esteril; e, comtudo, é aquelle abençoado torrão fertilissimo, desentranha em optimos fructos, que, segundo a opinião geral, excedem em bondade aos de todas as outras ilhas, e cria abundantes gados.

A todas as producções d'aquella terra levam reconhecida vantagem os seus vinhos e as madeiras, principalmente do cedro e teixo.

Dos vinhos se exportavam annualmente avultadissimas porções. Diz fr. Francisco dos Prazeres Maranhão que o Pico produz por anno de oito a dez mil pipas de vinho. Achâmos, porém, no *Panorama* computada esta producção em vinte a trinta mil pipas [1].

Não podêmos resistir ao desejo de transcrever para aqui a apreciação que do vinho do Pico, a que chamam vinho passado, fez um escriptor grave [2].

Eil-a:

«É tão generoso e tão forte, que em nada cede ao que em a Madeira chamam malvasia; antes parece que a esta vence aquelle; porque da malvasia pouca quantidade basta para alienar um homem de seu juizo, e não se accommoda tanto á saude; porém o vinho passado do Pico emprega-se mais em gastar os maus humores, confortar o estomago, alegrar o coração, e avivar e não fazer perder o juizo e uso da razão; e, além de ser suavissimo no gosto, é muito confortativo, ainda só com o cheiro; e por isso é muito estimado; e vale muito mais que o outro vinho da mesma ilha, com ser todo precioso.»

Esqueceu-se o bom do Fructuoso de mencionar uma qualidade d'aquelle nectar, que é fazer crescer agua na boca de quem lê taes elogios e ainda não póde com elle alegrar o coração.

(Continúa) SOUSA TELLES.

[1] *Panorama*, vol. IV, pag. 42.
[2] Fructuoso, liv. VI, cap. XLI.

UM INVENTO PORTUGUEZ

(Conclusão. Vid. pag. 139)

IV

Seria mui instructiva, se a conhecessemos, toda a correspondencia d'estes dois sabios. Documentos estimaveis considerâmos, ainda assim, as duas cartas, porque nos ministram inducções curiosas relativas á politica do tempo e á reforma do ensino das sciencias naturaes, e provam a prioridade de um invento util á humanidade, e glorioso para a nação portugueza.

Descrevem os biographos o dr. Ribeiro Sanches como um homem pusillanime, attribuindo a este caracter a sua resolução de abandonar os cargos e honras que lograva na corte da Russia, para fugir ás luctas politicas, de que então era theatro. Foi ainda este caracter, e a dolorosa experiencia, que havia adquirido, das incessantes perseguições do santo officio, que o obrigaram a viver arredado dos seus e longe da patria.

É certo que em Paris, onde não chegavam as garras de seus inimigos, e em relações benevolas com o ministro, que ousára diminuir-lhes a auctoridade e cercear-lhes as attribuições, poderia soltar sequer algumas queixas contra as suas demasias; e, todavia, não só as não soltava, mas, referindo-se á inquisição de um paiz estranho, guardava certo comedimento, como receiando que alguma palavra indiscreta ferisse a susceptibilidade dos inquisidores castelhanos.

Em um *post scripta*, como simples curiosidade que não merecia inserir-se no corpo da carta, é que se aventura a perguntar: *Que casta de gente se prende pela inquisição em Castella? São Deistas, Atheistas, Judeos, Mouros, Calvinistas, ou Feyticeiros?*

E, sem se atrever a expor a singular impressão que lhe causava a noticia d'estes acontecimentos, soccorre-se, para de algum modo os conceituar, á opinião publica de Paris: *Aqui essas prizoens fazem estrondo, e pasmo.*

Parece-nos que muito de proposito enumera as qualificações das victimas ordinarias do tribunal de fé; deixa-nos entrever a repugnancia que deveria causar a uma intelligencia tão esclarecida tamanha diversidade de motivos para perseguições religiosas.

Del-rei D. José falla com respeito, e do ministerio com precato, que o não embarga, todavia, de dizer que alguns dos seus amigos estão *arrufados*, ou *baralhados;* admira, mas não estranha, a escassez das noticias da corte.

Cessa toda a circumspecção do dr. Ribeiro Sanches, ao sair dos dominios da politica para os das sciencias; acha-se n'estes muito á sua vontade, solto de todo o constrangimento. Insurge-se por isso desassombradamente contra o methodo de ensino professado nas congregações religiosas de Hespanha (em Portugal já a esse tempo se achava proscripto); fulmina sem dó nem compaixão os thomistas, scotistas, reaes, nominaes e integraes. Não podia ver com indifferença aquelle alto entendimento estas nescias aberrações do verdadeiro methodo de ensino das sciencias naturaes, e por isso em termos sarcasticos pergunta: *Quando acabará tanta parvoice fradesca?*

Póde, em verdade, expressar-se por esta fórma o eminente philosopho, que em uma de suas obras

«Combate os erros, as prevenções desarma,
E os vãos fantasmas, illusões antigas,
Que nas escólas barbaras reinavão,
Para os Cimerios montes affugenta:
Novas vias ensina, que endireitão
Com mór certeza aos penetraes sagrados
Das fysicas verdades recatadas [1].»

Se os frades, sectarios ferrenhos do antigo systema, podessem punir o invectivador, cremos que o não poupariam a severo castigo, mórmente sendo, como era, de origem hebréa. E não parecerá temerario o asserto a quem tiver conhecimento da vehemencia das paixões, do enthusiasmo e ardimento com que se combateram n'essa epocha as innovações que os reformadores pretenderam introduzir nos methodos de ensino adoptados na peninsula.

[1] *Poesias* de Elpino Duriense, tomo I, pag. 270.

V

Roubaram as sciencias naturaes, se não todo o tempo da vida, a maior parte d'elle, ao padre Theodoro de Almeida; cultivou-as com rara predilecção e desvelo, devendo-se-lhe, incontestavelmente, a creação e desenvolvimento do gosto com que a ellas se applicaram muitos membros da nossa aristocracia e varios individuos das congregações monasticas.

Acompanhou-o para França este amor pelas sciencias, e á conta d'elle se resolveu a abrir em Bayona um curso publico, ao qual concorreram muitos mancebos ingenuos.

Póde attribuir-se a paixão pelos estudos physicos a tarefa, que se impoz, de construir barometros e thermometros. Era, em verdade, para o eximio naturalista entretenimento gostoso a philosophia experimental; folgava de trabalhar com as machinas em presença dos alumnos, demonstrando praticamente as verdades então reconhecidas em sciencias naturaes.

Quer-nos, todavia, parecer que não só o amor pelos estudos physicos, mas necessidade de grangear meios de subsistencia por este genero de trabalho, o obrigaram á construcção d'aquelles instrumentos; porque, para não perecer de fome, já o havia levado a sua desventura a mendigar em Tuy.

Outro celebre portuguez, philosopho como o padre Theodoro, mas de maior tomo, Bento Spinosa, tambem trabalhou por suas mãos para se sustentar, polindo vidros para telescopios e microscopios.

Com tamanha aptidão para a mecanica, seria facil ao nosso congregado representar em madeira os objectos figurados nos mappas. Sentimos intimo e ineffavel prazer ao notar esta feliz coincidencia: deve-se a um distincto engenho portuguez a invenção das cartas geographicas; pertence a outro famoso engenho portuguez a idéa de representar em relevo os objectos n'ellas gravados.

Occorreu naturalmente ao dr. Ribeiro Sanches o proveito que do novo invento poderia tirar a educação dos cegos. É certo que dez annos depois, em 1784, Valentim Häuy, irmão do celebre mineralogista do mesmo appellido, fundava em Paris um asylo de cegos, estabelecendo sobre a idéa do philosopho portuguez o methodo de os instruir.

Attribue mr. Bouillet a Häuy a concepção d'esta idéa, isto é, a substituição dos signaes visiveis por signaes em relevo [1]; cremos, porém, que de hoje em diante ninguem ousará contestar a prioridade do invento portuguez.

Dilata-se-nos ainda suavemente o peito ao recordarmo-nos que dois nossos compatriotas se empenharam em tempos differentes, e por meios diversos, em promover a educação dos surdos-mudos e dos cegos: referimo-nos a Jacob Rodrigues Pereira e ao padre Theodoro de Almeida.

Para o allivio de duas das maiores desgraças que podem affligir a misera humanidade, a privação da vista e a da palavra, concorreram estes dois varões generosos, ambos nascidos, como diz Ribeiro dos Santos,

«Para dar alto nome á clara Lysia [2].»

F. A. Rodrigues de Gusmão.

[1] *Dictionnaire universel des sciences, des lettres et des arts* — *Art. Aveugle.*

[2] A Almeno em louvor dos nossos grandes philosophos — *Jornal de Coimbra*, n.º XXVI, parte II.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Conclusão. Vid. pag. 135)

V

Mas qual é o motivo da politica adoptada pela Europa, que cifra na existencia d'esse imperio hybrido a segurança e a tranquillidade do Occidente; que permitte e garante a oppressão de populações nossas irmãs pelo christianismo, pela raça, pelas tendencias civilisadoras; politica incomprehensivel que no seculo XIX impõe a raças intelligentes, ricas das mais velhas tradições litterarias do mundo, o dominio de uma raça analphabeta, que, apesar de todos os seus recentes desejos de acolher a civilisação européa, ainda não conseguiu (insistimos n'este facto porque é elle o caracteristico mais evidente da incapacidade de um povo), ainda não conseguiu ter uma sombra, um vestigio, um vago reflexo de litteratura?

A razão, dizem os politicos, é a necessidade de oppor uma barreira á ambição da Russia, é a necessidade de não consentir que esteja Constantinopla, a chave do Mediterraneo, nas mãos do descendente de Catharina.

Mas esse systema é, pelo contrario, o mais proprio para favorecer a ambição moscowita. Podia ella estacar diante de duas coisas, ou diante de uma força, ou diante de um principio. A Turquia já não é uma força, e não será nunca um principio; é um phantasma diplomatico, é uma cortina transparente por traz da qual se divisam as bayonetas francezas e as esquadras britannicas. Ora esse phantasma seria uma inutilidade se não fosse um perigo. Da mesma fórma que um congresso europeu póde proclamar que a unica razão de ser do imperio turco é a garantia da tranquillidade occidental, tambem podia proclamar que, para que essa garantia existisse, era necessario que Constantinopla estivesse directamente nas mãos das grandes potencias européas. D'esta fórma é a Turquia uma inutilidade; mas nós julgámos demonstrar que é mais, que é um perigo. Essa fortaleza, padrasto do Occidente contra as tentativas invasoras da Moscowia, assenta sobre um paiol de polvora: as nacionalidades christãs comprimidas. A Russia, comprehendendo o seu papel como o vae comprehendendo agora, não precisa mover um soldado para fazer voar pelos ares a fortaleza; basta que de S. Petersburgo inflamme a polvora preparada. O panslavismo é o rastilho.

Mas que desgraçada mania é esta dos diplomatas de quererem forçar a natureza das coisas, quando, se deixarem operar as leis providenciaes, encontrarão n'ellas uma garantia mil vezes mais segura para a tranquillidade européa? Que monstruosa contradicção é esta que, ao passo que defende contra a Russia a integridade do imperio ottomano, lhe entrega, palpitante e dilacerada, a infeliz Polonia? Não parece que a intenção unica dos diplomatas é defenderem a oppressão onde quer que a encontram? Vêem no Oriente calcada aos pés a nacionalidade grega, e comprimem-n'a ainda mais por causa da ambição russiana, e essa ambição deixa de os assustar logo que se manifesta ao norte tripudiando sobre o cadaver da Polonia assassinada? A Polonia, nação essencialmente européa, por tanto tempo nosso baluarte contra as invasões das hordas asiaticas, derramou o seu sangue para preservar o Occidente por um lado da irrupção d'esses tartaros que tomaram o nome de russos [1], por outro lado da irrupção d'esses outros tartaros que se chamam turcos; suspendendo aquelles no seculo XIII pela victoria de Lignitz [2], a estes no seculo XVII pela victoria de Vienna [3], e a Europa, que lhe deve a existencia, que duas vezes lhe deveu a preservação da arca civilisadora, deixa-a succumbir miseravelmente, e colloca-se... de que lado? Exactamente do lado d'esses tartaros que a Polonia tão briosamente repelliu. É complice franca ou tacita das atrocidades da Russia, e é protectora da Turquia contra os povos christãos que ella esmaga.

E, comtudo, que melhores barreiras se podiam oppor á Russia do que essas duas fortes nacionalidades, a nacionalidade slava e a nacionalidade hellenica; a nacionalidade slava agrupada em torno da Polonia, que é o seu nucleo legitimo; a nacionalidade hellenica dominante em Constantinopla, que lhe pertence pelas tradições e pelas aspirações da classe intelligente que a povôa? Receiam que a influencia russiana prepondere então mais do que prepondera agora? Por quê? Não ha pontos de contacto alguns entre gregos e russos. A religião? Em plena edade média não bastava ella aqui na peninsula hispanica para adormecer as rivalidades mutuas dos povos christãos, e no seculo XIX é que havia servir de laço a duas nações naturalmente inimigas? Mas, pelo contrario, era mais um motivo de separação. O czar russiano assumiu a supremacia religiosa no seu imperio, e o patriarcha grego de Constantinopla podia resignar-se a curvar a tiara de S. João Chrisostomo diante da coroa profana do descendente de um barbaro?

Sim, essa preponderancia é para temer, mas com a politica actual; se a Grecia tem definitivamente de considerar como inimigas as nações occidentaes, então é natural, é legitimo que se lance nos braços da Russia, que lhe offerece a liberdade, e que responda á indifferença do Occidente com uma inimizade que será temivel quando Stambul for outra vez Byzancio, e quando por traz do monarcha hellenico estiver exercendo sobre elle uma preponderancia, que a diplomacia occidental perde o direito de lhe disputar, o autocrata de todas as Russias.

E a nacionalidade grega ha de irromper, porque a natureza das coisas destroe os calculos vãos da diplomacia. A força e a oppressão de quatro seculos não conseguiram domal-a; não conseguirá domal-a tambem a politica habil que Abdul-Aziz pretende seguir. De certo que não podêmos deixar de louvar o sultão pela firme vontade que mostra de seguir um caminho tão diverso do dos seus antecessores; não podêmos deixar de applaudir a confiança com que procura na civilisação européa os meios de consolidar pela brandura o seu imperio vacillante; mas, ainda que leve as suas concessões ao extremo, não conseguirá dominar os acontecimentos. É sina fatal em politica expiarem os innocentes os erros dos antepassados. O abysmo cavado pelos alfanges brutaes dos Amuraths, Solimões e Selins não conseguirá cerral-o a administração prudente e benevola do actual soberano. A idéa da liberdade e da independencia lavra com força irresistivel nas provincias gregas, e não se contentará senão com o recobramento da sua autonomia. Tudo o mais é um sophisma simillhante ao de Emilio de Girardin: «A Polonia livre na Russia livre», principio que os polacos repelliram com força. A Polonia não quer concessões, não quer transigencias; quer a emancipação a que tem direito, a separação completa, o reconhecimento da sua velha nacionalidade. Assim tambem a brandura que a administração musulmana emprega actualmente com os gregos, as amnistias que promette, não poderão acalmar a séde inextinguivel de liberdade que os devora; á benevolencia dos turcos preferem a sorte incerta que os espera na Grecia; familias inteiras fogem de Candia, e vão para o exilio, exilio que abençoam porque é a volta para a sua patria ideal, a Hellade, esquivar-se ao perdão dos ottomanos como se esquivariam ao castigo.

Abdul-Aziz, cedendo aos impulsos do seu generoso coração e aos conselhos da sua intelligencia cultivada

[1] *Grattez le russe, vous trouverez le tartare*, dizia Napoleão I.
[2] 1231.
[3] Ganha pelo cavalheiresco rei João Sobieski.

pelo contacto com a Europa, respeita escrupulosamente os direitos do homem, mas a sua existencia mesma no solio de Byzancio é a postergação audaciosa de outros direitos não menos elevados: os direitos dos povos.

M. Pinheiro Chagas.

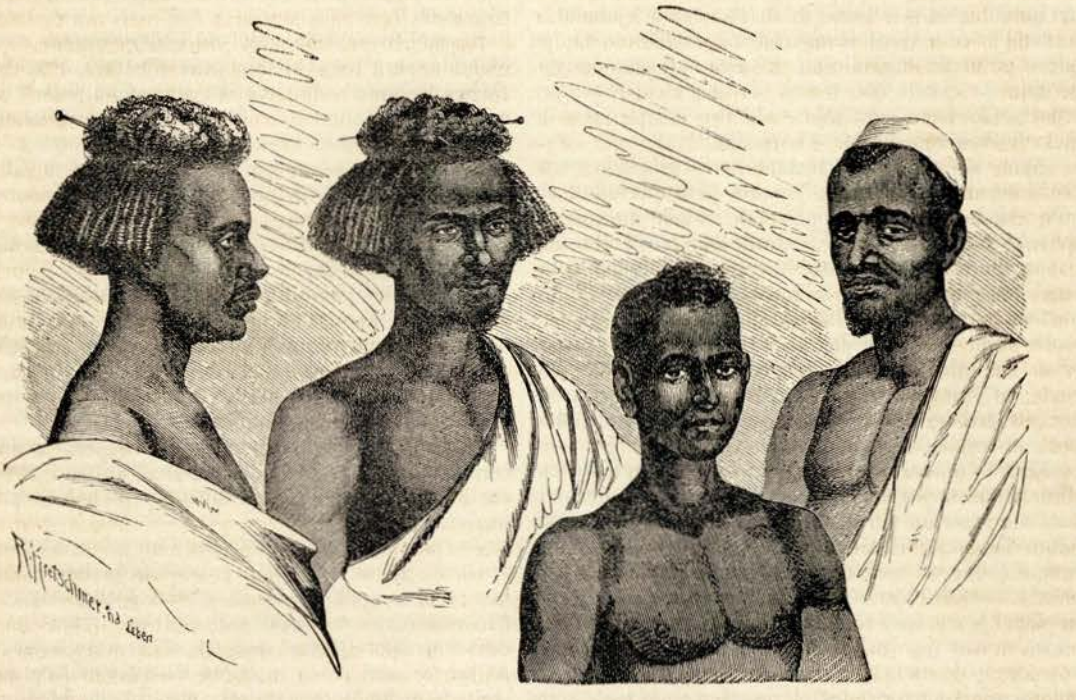
O PAIZ DOS MENSA, EM A NUBIA

I

Desde os mais remotos tempos tem sido a Africa objecto de numerosas explorações. Modernamente, o desejo de devassar regiões em grande parte ainda não atravessadas pelos viajantes, e o empenho de achar a solução de alguns problemas, que ha seculos desafiam a curiosidade dos geographos e dos historiadores, tem levado a esta parte do mundo exploradores audazes, que, a troco muitas vezes da propria vida, vão pouco a pouco preenchendo as immensas lacunas que no principio d'este seculo os mappas accusavam.

E, não obstante a serie quasi não interrompida de viagens e de explorações, a Africa é ainda uma das regiões relativamente menos conhecidas. É que para devassal-a torna-se necessario caminhar por immensos desertos, atravessar terrenos aridos e escassamente banhados de rios, e poder fugir á ferocidade dos homens e dos animaes.

Se exceptuarmos a região que banha o Mediterraneo, a qual acompanhou quasi sempre no seu desenvolvimento o mundo historico, legando por vezes á posteridade paginas que o volver dos seculos não será capaz de apagar, o resto do continente africano, embora nem todo completamente desconhecido, póde dizer-se que permaneceu envolto em denso nevoeiro até ao começo do seculo XV.



Typos masculinos dos habitantes do paiz dos Mensa

Estava destinada a um pequeno povo a gloria de penetrar, talvez o primeiro, essa immensa cerração, e de emprehender, guiado por um principe, cujo nome é, não a gloria de uma nação, mas a da humanidade, as ousadas navegações que haviam de patentear ao mundo riquezas e regiões até então desconhecidas.

Podem hoje as nações mais dianteiras na estrada do progresso pleitear preferencias sobre qual mais se avantaje no empenho de desbravar, para a sciencia e para a civilisação, os immensos tractos de terreno do interior da região africana; mas não lhes será possivel apagar as paginas da historia em que se relatam as navegações e os descobrimentos dos portuguezes, e difficil mesmo se tornará a muitos dos seus exploradores pôrem pé em região onde não chegasse muito antes algum filho d'esta hoje tão malaventurada terra de Portugal.

Não era pouco já para gloria de um pequeno povo o ter levado a cabo a empreza, então por muitos julgada impossivel, de encontrar um novo caminho para a India, dobrando a Africa; estava reservado ao nome portuguez engrandecer-se por outros emprehendimentos não menos dignos de lhe conquistar o eterno reconhecimento da posteridade.

A colonisação das costas meridionaes, e as explorações de algumas das regiões de Africa, são titulos tanto ou mais dignos de admiração, do que os anteriores descobrimentos.

E hoje importa mais que nunca não olvidar similhantes titulos de gloria, para que de não protestarmos contra o esquecimento a que parece quererem condemnar-nos os que mais agora tem a peito a exploração da Africa, se não infira que de boamente concordâmos na expoliação, ou reconhecemos que estavamos em erro julgando-nos os primeiros europeus que haviam penetrado em muitos pontos d'esta parte do mundo.

Uma das regiões que mais attrahem actualmente os exploradores francezes e inglezes foi para os portuguezes, ha alguns seculos, objecto de notaveis investigações. Referimo-nos ao vasto tracto de terreno comprehendido entre o mar Vermelho e o centro da Africa.

Ao mesmo tempo quasi que dobravam o cabo da Boa Esperança, tratavam os portuguezes de explorar a Abyssinia. O que valeram essas explorações ahi estão a dizel-o as relações das viagens de Francisco Alvares, de Jeronymo Lobo, de João dos Santos e de outros, que são hoje outros tantos testimunhos e protestos contra as usurpações que á nossa gloria fazem

exploradores, ousados por certo, mas menos dignos de admiração do que se crê, porque tem seguido, embora procurem escondel-o, pelo caminho que os portuguezes lhes deixaram assignalado.

É ao lado d'essa região tão conhecida dos portuguezes, a Abyssinia, que demora um paiz, que, embora tenha uma feição muito similhante á dos que lhe ficam visinhos, e que foram visitados pelos portuguezes, só modernamente tem sido estudado pelos viajantes. Referimo-nos ao paiz dos Mensa.

(Continúa) T. DE C.

GELLERT

(Conclusão. Vid. pag. 143)

Estando no campo hospedado em casa de uma fidalga, sua admiradora, Gellert escreveu estas linhas:

«Occupo um quarto que dá de um lado para o pateo, e do outro para o jardim e para o campo. Ordinariamente, ás seis horas da manhã estou á janella, e contemplo com vistas insaciaveis os jardins e o campo que a natureza amarelleceu. A vasta extensão do ceo, de que na cidade não temos perfeita idéa, é sempre espectaculo novo para mim. Ahi fico em pé mais de meia hora a contemplar e a meditar.

«Após tão deliciosos instantes, e inebriado pelos perfumes da manhã, abro a porta para que entre algum criado; mas não tenho a felicidade de que me sirva só um. Não, senhor, entram logo tres ao mesmo tempo, correndo até junto de mim, sem tomar o folego, para que lhes dê as minhas ordens; se prefiro um, os outros mostram-se descontentes; por isso, não tenho remedio senão deixar-me vestir e enfeitar por elles. Em quanto dura esta operação, entram tambem cinco ou seis cães domesticos, uns galgos, com os quaes converso um pouco, porque estou certo de que não me responderão...

«Chega então o café; tomo um livro e apresento um certo ar de importancia, e de repente os criados deixam-me sósinho. Os auctores que me acompanharam foram Terencio, Horacio e Gresset. Quando estou no campo é que eu encontro n'estes poetas mais bellezas que na cidade. Não se admire. A natureza, que lhes inspirou os cantos, torna-se aqui sua interprete; explica-os, não digo mais esplendidamente, quando menos por modo mais agradavel e claro que os commentadores mais auctorisados. A descripção de uma bella paizagem, o quadro da innocencia e da solidão na vida campestre, me encantam duplamente quando os comparo com a natureza. E até as outras bellezas dos poetas me impressionam mais no campo que no meio do ruido da cidade; porque, graças aos encantos da vida campestre, o meu espirito é mais vivo e o meu gosto mais delicado. Esta manhã deparou-se-me uma peça de Terencio; quiz lêl-a, mas não pude ir além da segunda scena, porque me enlevára a simplicidade do auctor.»

Foi perturbada tão suave quietação por mui graves successos. Rebentára a guerra dos sete annos (1756); a Saxonia fôra invadida pelos exercitos de Frederico II. Os poetas deviam despedir-se da poesia, e os sabios de suas tranquillas elucubrações.

As desgraças da Saxonia serviram, comtudo, para tornar mais subidos os quilates de patriotismo e da grandeza de animo de alguns escriptores allemães, e, entre outros, Rabener e Gellert, os dois intimos. Ha muitas cartas suas d'aquella epocha, as quaes se notam não só pelo estilo, mas tambem pelas idéas generosas.

Rabener sabe que o rei da Prussia quer vêl-o; o marquez d'Argens offereceu-se para o apresentar; Rabener recusou-se á apresentação, dizendo:

— Pois então um francez é que deve, no centro da Allemanha, apresentar um escriptor allemão a um rei allemão?

Quando Rabener mostrava desgosto pela posição em que se achava Gellert, este respondia:

— O meu amigo, meu bom Rabener, pergunta-me se eu tenho recebido a pensão; não, senhor, não me tem sido paga. Até mui serenamente metti no fundo da gaveta a quitação que me enviaram, com o que não me alvorocei. Se eu podesse dar paz e prosperidade á minha patria com o sacrificio dos cem escudos, eu, que nada mais tinha quando me inhabilitasse para o trabalho, fal-o-hia com grandissimo prazer!...

Taes rigores, porém, com respeito a Gellert, não duraram por muito tempo. A invasão prussiana veiu, pelo contrario, provar a estima e a consideração que o poeta gozava na Allemanha. Apreciavam n'elle não só o fabulista, mas tambem o moralista e o homem esclarecido, o auctor dos *Canticos*, onde se respira tão profundo sentimento religioso, e das *Lições de moral*, onde se patenteia e defende a virtude com tão intima convicção.

Hayniehen, cidade natal do insigne poeta, não foi incluida para os aboletamentos militares, e os prussianos diziam-n'o que era em attenção á pessoa e aos escriptos de Gellert. Os officiaes prussianos, generaes e principes, iam ás vezes á universidade para assistir ás lições que o poeta popular dava ácerca de litteratura ou de moral, e alli eram seguidos por mais de quatrocentos ouvintes.

Um d'estes officiaes disse que desejava avistar-se com Gellert, porque lhe era devedor.

— Devedor! por quê? perguntou admirado o poeta.

— Porque as suas obras fizeram-me conhecer e amar a virtude. E em seguida quiz offerecer-lhe um brinde.

— Obrigado! respondeu Gellert, recusando-se. Já é um sentimento delicioso saber que foi possivel tornar melhor um de meus similhantes!

Entrou-lhe em casa, em outro dia, sem a maior ceremonia, um tenente de hussares, armado de ponto em branco, enlameado, de chicote em punho e modos bruscos:

— Fallo com o sr. professor Gellert, o celebre fazedor de livros?... Então como tem podido escrever tanta coisa boa? Gosto do que o senhor escreve... não está mais na minha mão... O sr. Gellert não ha de ser rico... Queira, pois, acceitar esta bolsa. Era de um coronel russo, a quem fiz o favor de abrir de meio a meio, com a minha espada, na batalha de Zorndorf... Não a quer?... Então aqui tem estas pistolas... são de bom auctor... ou o meu chicote.

Gellert levando, porém, o official á bibliotheca, disse-lhe simplesmente, apontando para os livros:

— As armas de um escriptor são estas, não temos outras.

O poeta quiz tambem mostrar a sua generosidade, e offereceu ao brusco hospede um exemplar das *Consolações para uma vida enferma*.

— Acceito e agradeço! disse o official de hussares. Servir-me-ha para quando seja mutilado pelos russos, ou para quando, por effeito das campanhas, não possa mover pé nem mão.

Ás vezes até algum sargento, doente ou ferido, que voltava aos lares com a baixa, torcia muitas legoas para conhecer Gellert, cujas obras lêra no hospital.

Frederico II tambem quiz ver e conhecer Gellert. O rei avistou-se, effectivamente, com o poeta. A conversação foi demorada e variada. Trataram de sciencia e de litteratura. Frederico II affirmava que a lingua allemã estava barbara e dura, e accrescentava:

— Por que é que os escriptores allemães não se recommendam, como os francezes, por boas obras?

— É mister que haja tranquillidade, respondeu Gellert. Se eu fosse rei da Prussia, por certo que a paz não tardaria muito!

— Acaso depende só de mim? São tres contra um. Em seguida, o grande Frederico perguntou-lhe se sabia de cór alguma das suas fabulas.

— Não, senhor.

— Veja então se se recorda. No entanto darei algumas voltas no quarto.

Gellert lembrou-se da fabula intitulada *O pintor*, que termina o primeiro livro dos seus apologos, e recitou-a. É esta:

O PINTOR

«Um pintor de Athenas, homem esclarecido, que trabalhava antes para ganhar fama e gloria, do que para ganhar dinheiro, mostrou um dia a entendedor um quadro em que representára o deus Marte, e pediu-lhe parecer. O entendedor disse-lhe francamente que não lhe agradava o quadro, porque se notava n'elle esforço da arte. O pintor oppoz-lhe mil objecções. O critico refutou-as, mas baldadamente. No meio d'esta controversia, entrou um pobre nescio, que foi observar a obra do artista com certa importancia:

«— Bravo! exclamou á primeira vista. É uma obra prima! Que belleza! Que pé! Como as unhas estão habilmente representadas! Marte parece vivo n'este quadro! Que arte, que esplendor no capacete, no escudo, em toda a armadura!

«O pintor, enleiado, olhou piedosamente para o critico e disse-lhe:

«— Estou convencido. E vejo agora que não foi demasiadamente severo.

«E, assim que o nescio saiu, o artista passou o pincel sobre o deus Marte.

«Se algum de vossos escriptos não agrada aos entendedores, é mau signal; porém, se obtiver para logo o elogio dos tolos e dos fatuos, lançae depressa ao fogo a vossa obra.»

— Muito bem, muito bem, disse Frederico II; isso é natural, gracioso e conciso. Não o sabia. Quem o ensinou a escrever assim?

— A natureza, senhor.

— Imitou La Fontaine?

— Não, senhor, sou original, o que não quer dizer que seja bom original.

— Merece bem a fama de que goza.

E voltou-se para um dos ajudantes de campo, que o acompanhára, para elogiar Gellert, que, por modestia, recuára alguns passos.

— Adeus, meu poeta; vá ver-me, disse o rei, despedindo-se; leve as suas *Fabulas* para que lhe oiça algumas.

Descrevendo esta visita ao seu amigo, Gellert dizia-lhe: «Como deve suppor, não fui, meu bom Rabener; o rei não me tornou a mandar chamar; e eu não me esqueço d'estas palavras, que se me afiguram mui sensatas: — Não procures insinuar-te no animo dos reis.»

E depois de taes testimunhos, Gellert tambem podia escrever: «É facil grangear a benevolencia dos homens, quando se faz a diligencia para não ser um escriptor inutil, e quando isso se consegue até certo ponto.»

Frederico II, durante a conversação, perguntára pela saude do poeta, e recommendára-lhe um remedio contra a hypochondria, que infelizmente Gellert padecia havia annos. Ignora-se se Gellert usou o remedio do grande Frederico, mas está averiguado que não melhorou então, porque em 1763 e 1764 entrou nos banhos de Carlsbad, para onde foi tratar da saude, bastante arruinada. A vida e animação que reinavam n'aquella epocha entre os banhistas, a familiaridade em que alli se estava, os encantos que resultavam d'essa familiaridade, foi assumpto de muitas e mui interessantes cartas de Gellert.

Em Carlsbad o poeta conheceu o famoso general austriaco Laudon, que, como é sabido, bateu o grande Frederico em diversas batalhas. O general e Gellert encontravam-se muitas vezes nos seus passeios a cavallo; e porque ambos gostavam dos logares solitarios e fugiam do bulicio do mundo, estreitaram os laços da amizade.

— Quem o vir por aqui tão grave e serio, dizia-lhe um dia o general Laudon, não affirmará, por certo, que o professor Gellert é o mesmo que nos dá livros alegres e divertidos.

— Posso dizer outro tanto do general. Os que o virem tão pacifico e retirado não podem assegurar, certamente, que é o mesmo que ganhou a batalha de... as de... e de... e que tomou a cidade de... em uma só noite.

Os banhos não restabeleceram Gellert. A saude foi-se-lhe enfraquecendo por tal modo, que aos 13 de dezembro de 1769 deu a alma ao Creador.

A Allemanha inteira chorou a morte do seu escriptor popular e predilecto.

No cemiterio da egreja matriz de Leipzig erigiu-se, por meio de subscripção, um mausoléo, tão simples e modesto como o que alli fôra eternamente descançar.

Um antigo livreiro da cidade, intimo e sincero amigo de Gellert, mandou tambem levantar, no jardim da sua casa, em homenagem ao poeta, um monumento, que as pessoas que o tem visto acham digno de louvor pela originalidade com que o esculptor o executou. É um cippo ou columna partida, tendo como remate uma elegante urna sepulchral. No alto da urna estão duas Graças infantis, como orphãsinhas desamparadas, chorando a morte de um pae extremoso. A terceira Graça, na base da mesma urna, como prendendo o medalhão de Gellert e debruçada sobre elle, parece dar-lhe o derradeiro adeus. As Graças infantis symbolisam a innocencia e a pureza dos escriptos de Gellert.

Ultimamente, Haynichen, sua terra natal, erigiu-lhe uma estatua, cuja inauguração se verificou em outubro de 1865. Este monumento foi levantado na praça em que o pae de Gellert plantára uma tilia para commemorar o anniversario natalicio do futuro poeta. A arvore não resistíra, porém, aos insultos do tempo. Derrubára-a um tufão. Os compatricios de Gellert, fieis á memoria d'este exemplar varão e egregio escriptor, substituiram aquella fragil lembrança por um monumento mais solido e duradoiro [1].

TEMPLO DO FOGO, EM ATESH-GAH

(Conclusão. Vid. pag. 141)

Exteriormente não apresenta o templo feição alguma architectonica. Simples muros, sem janellas, nem cimalhas, frisos ou qualquer outro ornato, é tudo quanto se vê nas quatro faces do edificio. O interior mostra-o a gravura a pag. 141. Reina ahi a maior singeleza e austeridade. As paredes tem por unico adorno uma coroa de ameias; e se não fôra uma especie de arco triumphal, que se ergue quasi no meio do templo, mais pareceria uma fundição que um logar de devoções.

O arco é egualmente desataviado de ornatos. Da cupula que lhe serve de cobertura, e de quatro como pyras que a cercam, correspondentes aos quatro angulos do arco, saem chammas sempre alimentadas com a mesma intensidade.

O que figura de ameias sobre as paredes do templo são outras tantas pyras, vomitando fogo continuamente. Junto das paredes existem umas construcções, cobertas de abobada á maneira de cupula, cujo interior serve de capellas para certas ceremonias e orações. O resto do pavimento do templo é occupado, pela maior

[1] Vid. *Magasin Pittoresque*, tomo XXXV, pag. 305 a 312.

parte, com uma grande variedade de fornalhas, umas circulares, outras quadradas, de quasi um metro de altura, dispostas sem ordem nem symetria, e todas lançando fogo por uma abertura redonda, de pequena dimensão, praticada na parte superior.

A simplicidade que se vê em todo o edificio, interna e externamente, não se deve explicar por pobreza de meios dos fundadores, nem por mingua de talento e invenção do architecto. A seita dos adoradores do fogo é numerosissima. Está espalhada por differentes regiões da Asia; conta no seu gremio tribus poderosas e muitas familias enriquecidas pelo commercio. Considerando como cidade santa Bakou, em razão do phenomeno que referimos, e n'essa qualidade obrigados a ir visital-a em peregrinação, pelo menos uma vez na vida; e sendo o templo de Atesh-Gah o seu principal e mais venerado sanctuario, bem se póde julgar que não se poupariam a sacrificios para o adornar e enriquecer, se a sua crença lhes permittisse taes ostentações.

Quanto ao architecto, bastava a sua qualidade de filho do Oriente para nos convencermos de que só as pêas religiosas lhe coarctariam os vôos de sua imaginação ardente e phantasiosa, como é a de todos os artistas orientaes.

Aquella simplicidade, pois, é um preceito religioso, e acha-se em harmonia com a singeleza dos costumes dos adoradores do fogo. Nos seus templos não deve haver coisa alguma que distráia ou captive a attenção, desviando-a do fogo, objecto unico do seu culto.

Tres sacerdotes apenas tem a seu cargo a conservação do fogo sagrado, o serviço e aceio do templo. Fazem as suas orações prostrados junto de um altar que está debaixo do arco e cupula de que fallámos acima. Ahi tambem cantam os seus hyumnos em louvor do fogo, em tom suave e melodioso.

Permittem a entrada no templo aos viajantes, qualquer que seja a sua religião; e se estes assistem ás suas praticas religiosas, logo que as acabam offerecem-lhes algumas frutas e assucar cande.

Ninguem, nem os proprios sacerdotes, podem aproximar-se do fogo que arde n'aquelle altar sem ter a boca tapada com algum lenço ou manta, e as mãos envolvidas em uma alva toalha.

Se acontece apagar-se o fogo, é mister accendel-o immediatamente, ferindo uma pederneira com um fusil de aço, ou esfregando com força um contra o outro dois pedaços de pau bem sêcco, ou fazendo projectar os raios do sol através de um vidro convexo, sobre algum pedaço de panno ou madeira velha. Quaesquer outros processos são rigorosamente prohibidos.

Não são capazes os adoradores do fogo de apagar uma luz com o sôpro. Seria isso uma grande falta de respeito para com a divindade. Deve-se apagar agitando um leque, e se este não se achar á mão, poderá substituir-se por uma toalha bem lavada. Tambem não lhes é permittido extinguir um incendio com agua. Por mais cristallina que seja, entendem que offenderiam com ella ao Creador. O unico meio que a sua crença lhes consente para a extincção de um incendio é abafal-o lançando-lhe terra e pedras.

É defeso aos adoradores do fogo derramar sangue de qualquer animal da creação, e assim tambem alimentarem-se de coisa que padeça morte. Resulta d'este preceito religioso serem de habitos frugaes, e de costumes dôces e inoffensivos.

O culto do fogo vem de tão remota antiguidade, que mal se lhe conhece a origem. Abraçaram-n'o muitas nações, diversificando, todavia, nas ceremonias e praticas religiosas.

Os antigos persas e todos os povos do norte da Asia adoraram o fogo como a expressão mais pura da divindade na sua acção continua sobre todos os seres. O sol era, portanto, considerado por todos esses povos como o symbolo do fogo, como o fogo por excellencia, como a verdadeira personificação de Deus. Todas as madrugadas iam assistir ao seu nascimento, para o saudar e adorar; e cada familia, por mais pobre que fosse, tinha no interior de sua casa, em logar recatado, um sanctuario onde conservava uma chamma de fogo sempre bem accesa.

A Grecia e Roma pagãs tributaram tambem ao fogo culto especial. Nos templos de Apollo em Athenas e em Delphos, no de Ceres em Mantinea, nos de Minerva e de Jupiter Ammon, ardia sem cessar uma pyra ante a estatua da divindade. Se, apesar dos desvelos com que os sacerdotes cuidavam da sua conservação, chegava a extinguir-se o fogo por algum caso fortuito, só devia tornar a accender-se no dia seguinte, aos raios do sol nascente. O culto de Vulcano era na Grecia mais particularmente a divinisação do fogo.

Os romanos adoptaram este culto, á imitação dos gregos, e Numa Pompilio fundou um templo de Vesta, e junto d'elle uma casa, onde estabeleceu sacerdotisas encarregadas de alimentarem o fogo sagrado no altar da deusa, e de velarem dia e noite pela sua conservação. Ai da virgem que o deixasse apagar, estando-lhe confiada a guarda d'elle. Severissimas penas puniam sem demora a infeliz; e Roma cobria-se de tristeza e orava contrita, implorando a clemencia dos numes, porque suppunha que a extincção do fogo sagrado nas aras de Vesta era signal evidente de que algum crime manchára a pureza do templo, ou que alguma catastrophe ameaçava a republica.

Quando os hespanhoes conquistaram o Perú, acharam os pacificos peruvianos entregues ao culto do sol, fogo celeste e eterno que allumia e vivifica todos os seres da creação.

Os adoradores do fogo estão presentemente limitados á Asia. Os guebros e os parsis, que habitam na actualidade o Kerman e o Goudjerate, são as principaes tribus que seguem similhante culto, como dissemos em outro logar. Perseguidos pelos mahometanos desde o anno de 665, os parsis viram-se por longos annos proscriptos e dispersos, como os judeus. Encontraram a final protecção sob o dominio da Russia, que os deixa viver em paz no livre exercicio do seu culto. Além do templo de Atesh-Gah, possuem outro em Bombaym, posto que menos concorrido de peregrinos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Adrião Junio viu em Malinas um caroço de cereja, lavrado em fórma de bocetinha, que lhe cabiam dentro, por miudeza da arte, e boa vista, e grande fleima do artifice, quinze pares de dados, todos com todos os seus pontinhos muito bem signalados.

Mais é ainda o que refere o padre Gaspar Escoto, da companhia de Jesus, na dedicatoria do seu livro, intitulado *Technica curiosa*, ao principe João Filippe, arcebispo de Moguncia; onde diz que Allemanha e Italia admiraram este prodigio da arte, a saber: vinte e cinco peçasinhas de artilheria, feitas de pau, com suas carretas e trinta balas; que tudo junto cabia em um grão de pimenta cavado, e de mediano tamanho.

Isto (na supposição de que é verdade) coisa era subtilissima; e só serviria de dar trabalho a quem o fez, e a quem o via em espremer os olhos e conter o fôlego, para que o trem de artilheria não voasse pelos ares. Porém peior se empregaria o tempo no pateo das comedias, ou na casa do jogo, ou em murmurações e detracções do proximo, ou em compor versos e escrever cartas de assumptos amatorios, ou em curtir paixões de melancolia e de escrupulos.

P. MANUEL BERNARDES.